

Sobre o conceito de composicionalidade em morfologia / On the concept of compositionality in morphology

Maria do Céu Caetano

ABSTRACT: *This presentation intends to underline the importance of the concept of compositionality for morphological studies, particularly for those that focus on derivation.*

Without denying the deep relation between formal and semantic transparency and productivity, since any neologism is formed by regular processes and is, in principle, compositional, I'll try to justify that non productive processes (Portuguese -ura nominalizations) are characterized by the same degree of compositionality of productive processes (Portuguese -dor nominalizations). Some inherited words and loans that synchronically can be taken as derived compositional words will also be considered.

Finally, it will be discussed how the knowledge of the history of words has or has not some repercussions in morphological analysis.

O tipo “ideal” de morfologia é aquele em que se dá a adição de um afixo a uma base¹, havendo uma relação formal e semanticamente transparente. Qualquer desvio a esta máxima é encarado como idiosincrasia, como teremos oportunidade de verificar, em seguida, percorrendo alguns trabalhos determinantes em morfologia, onde o

¹ Cf. princípio de um significado – uma forma, de que já havíamos falado a propósito da polissemia dos sufixos, no decorrer do 1º WGT.

conceito de composicionalidade é examinado.

De acordo com Said Ali ([1931] 1964³ : 231), “Parece coisa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplos como *pedreiro*, *pedraria*, *pedregulho* ou *fechamento*, *laranjal*, *bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra*, *fechar*, *laranja*, *banana*.” Adianta, no entanto, que são vários os casos em que a relação entre derivado e derivante “transparece menos lúcida”, sendo

necessário um estudo aprofundado para se perceber a filiação. Outras vezes, ainda, segundo o gramático, “tem havido tal evolução de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica”.

Said Ali ([1931] 1964³ : 231) dá como exemplo *esquecer*, que para “o comum dos homens que falam português”, é considerado como tendo dado origem a *esquecimento*, *esquecedor* e *esquecediço*, verbo que para o linguista, “é alteração de *escaecer* e palavra derivada, em última análise, de *caer*, forma antiga de *cair*”. Mas, como muito prontamente realça, esta análise “erudita” não pode ser levada ao exagero porque numa palavra “sentida” como derivada tem de haver uma relação entre as formas e o significado. Daí que conclua dizendo que “a fórmula mais razoável para explicar *esquecer*, *receber*, *vingar*, *julgar*, *resistir*, etc., seria declarar que são antigos verbos derivados que passaram a funcionar como verbos primitivos.”

A ideia que está por detrás da definição clássica de morfema, uma forma linguística mínima com significado que não apresenta semelhanças fonético semânticas com qualquer outra forma (Bloomfield 1933:

161), é que cada palavra morfológicamente complexa é formada a partir da concatenação de elementos mínimos, contribuindo cada um destes com o seu significado para a palavra na sua totalidade.

No modelo de formação de palavras de Marchand (1960), recupera-se o conceito de motivação de Saussure (1916) e que mais tarde foi aprofundado por Bally (1944). Em Marchand (1960), o conceito de motivação refere-se àquilo que hoje designamos, em morfologia, pelo princípio de composicionalidade. O autor assume que os itens linguísticos simples (signos e morfemas) são em princípio arbitrários/não motivados no que diz respeito à relação entre forma e significado (exceptuando as onomatopeias), enquanto as construções linguísticas complexas são em princípio “relativamente motivadas”, porque podem ser interpretadas semanticamente a partir do conhecimento dos significados dos seus constituintes e de alguns paradigmas gerais subjacentes. Esta hipótese tem duas consequências:

1. O significado é tão importante como a forma e, daí que o signo linguístico mínimo, o morfema, seja entendido como a combinação de forma e significado (“a two facet sign, which

means that it must be based on the significate/significant [...] relationship posited by Saussure” (Marchand 1960: 1)).

Por isso, Marchand rejeitou a análise então corrente entre os principais estruturalistas americanos das décadas de 1940 e 1950 do século passado (cf. método distribucionalista), de verbos como *receive*, *deceive*, *conceive*; *retain*, *detain*, *contain*, etc. como sendo formados de dois morfemas, porque os alegados morfemas não se identificavam com nenhum significado e, conseqüentemente, não poderiam ser considerados signos linguísticos.

2. Só as combinações morfológica e semanticamente motivadas podem dar origem a novas formações morfológica e semanticamente analisáveis, isto é, aquelas que pressupõe um modelo de formação de palavras produtivo. Por conseguinte, restringe o âmbito da formação de palavras aos padrões sincronicamente produtivos.

Para Aronoff (1976: 32), sabendo-se que uma palavra complexa tem uma base, é legítimo perguntar qual o tipo de relação semântica existente entre ambas. Mas, contrariamente a outros, para o autor, “Since morphology is not syntax, this relationship will seldom be one of neat compositionality. There will

usually be some sort of divergence”. Ora, pelos exemplos aduzidos, mais concretamente *transmission* e *information*, percebe-se que a divergência não é entre o derivado e a base, mas antes entre o significado real do derivado e o significado que esperaríamos que ele tivesse².

Como consequência, Aronoff (1976: 33) esclarece que no seu modelo a relação entre as formas precede sempre a relação entre os significados. Ou seja, a semântica é relevante, mas só depois de se ter efectuado a descrição formal.

Um dos parâmetros (de entre onze) do Modelo da Morfologia Natural (cf., por exemplo, Wurzel 1984) é a transparência morfossemântica. O princípio que está subjacente a este parâmetro é o designado princípio freguiano de composicionalidade do significado. Assim, com base neste princípio, assume-se que o significado de uma palavra complexa é uma função do significado das suas partes constitutivas. Neste modelo, as palavras complexas composicionais são morfossemanticamente transparentes,

² Cf., por exemplo, em português, *tripulação* que, para além de significar ‘acção de tripular’, significa também ‘conjunto de pessoas que prestam serviço num navio ou avião’. Como se pode observar, a divergência diz respeito às duas acepções de *tripulação*.

opondo-se às palavras complexas morfossemanticamente opacas, as quais são tidas como itens lexicalizados.

Em modelos mais recentes, de influência psicolinguística, em que a questão acerca do acesso lexical directo/indirecto é central, aponta-se geralmente que (cf. Bertinetto 1995):

- as formas derivadas têm menos tendência a serem governadas por regras do que as formas flexionadas;

- as formas não produtivas têm menos tendência a serem governadas por regras do que as formas produtivas;

- não é provável que as formas fonotáctica e semanticamente opacas sejam governadas por regras, enquanto as transparentes o são;

- as formas irregulares não são governadas por regras, enquanto as regulares o são;

- as formas não frequentes têm mais tendência a serem governadas por regras do que as formas frequentes.

Como acabámos de verificar, na acepção mais comum em morfologia, um derivado composicional, além de ser

(formalmente) passível de segmentação, é aquele cujo significado resulta da soma dos significados das partes. Além disso, a conjugação destas duas condições significa que o derivado em causa é formado de acordo com um processo regular e produtivo. Um processo produtivo dará sempre origem a produtos transparentes e se, pelo contrário, a palavra se torna opaca, já não será perceptível a relação entre a sua forma e o seu significado, mesmo se na altura em que foi formada essa relação existia (cf. *esquecer*).

Para alguns autores, a transparência formal e semântica determina a produtividade, como é o caso de Aronoff (1976: 45 “productivity goes hand in hand with semantic coherence”). Outros vêem nela uma condição necessária, mas não suficiente (por ex. Koefoed & van Marle 2000: 306). Para outros ainda, (por ex. Baayen 1993), ela é um factor que favorece a produtividade, mas não é obrigatória. Não vou discutir esta questão em detalhe, limitando-me a dizer que na maior parte dos estudos de morfologia derivacional, a conexão entre produtividade e composicionalidade é quase sempre apontada, na medida em que se considera que os produtos resultantes de um processo produtivo são composicionais.

Seguidamente passarei à apresentação dos dados, exemplos que foram extraídos de Gramáticas Históricas do Português, excepto os que têm o século a antecede-los e que foram retirados de textos utilizados para controlo³:

I.

1. TV + *-dor* → N

'Aquele que V'

alcançador; alcatifador; andador; armador; benzedor; brunidor; caçador; calçador; cantador; causador; colhedor; comendador; conciliador; conhecedor; contador; corredor⁴; cortador; defendedor; disciplinador; encobridor; enganador; estampador; falador; fazedor; ferrador; fumador; improvisador; jazedor; lavador; ledor; matador; mentidor; mordedor; namorador; operador; pagador; perseguidor; polidor; prègador; refinador; regedor; roedor; sabedor; segador; seguidor; soffredor; tabaqueador; torcedor; trabalhador; urdidor; varredor; vedor; vencedor; vendedor

XV *movedor* E2 ("E porque ho filosafo diz que toda cousa que move outra move ã virtude do primeiro **movedor**, nõ ficarã aquelle tam exçellemte rrey apartado de todo da gloria e louvor")

³ Cf. Caetano 2003.

⁴ Cf. *corredor*, na acepção de 'passagem, em geral estreita e longa, no interior de uma edificação, para comunicar dois ou mais compartimentos' que, segundo Cunha ([1982] 1987²), vem do "a. it. *corridóre* (hoje *corridóio*)".

XIII *roubador*[es]⁵

S13 pp. 181, 204 ("nẽ falso nẽ aleyuoso nẽ escomungado dementre o for nẽ herege nẽ s(er)uo nẽ ladrõ nẽ omẽ q(ue) ande fora d' ordĩ sen lecença de seu mayor nẽ ome q(ue) dé heruas a outro por lhy faz(er) mal nẽ **roubador** conhoçudo nẽ omẽ q(ue) nõ aya memoria nẽ ome q(ue) disse falso testimonho nẽ ome q(ue) é dado por falso p(er) sentẽça d(e) qual quer falsidade"), 245, 262, 271, D43, D206

XIII *teedor* S13 pp.

163 ("E p(er)ean(e)s e Jurado deste ofizio e **teedor** e guardador."), 198 ("e se a estes plazos nõ ueer ou nõ enuiar assy como é dito e depoyes ueer ou enuiar assy como é dito, o **teedor** nõ seya desapoderado da penhora"), 200, 210 ("pero que huu delles seya **teedor** da cousa"), 211/ *teodores* S13 p. 210 / *teodor* S13 p. 210

2. Adj + *-ura* → N:

'Qualidade do que é X'

alvura; amargura; brancura; brandura; bravura; espessura; falsura; feiura; finura; formosura; frescura; fritura; friura; gordura; grandura; grossura; largura; longura; loucura; negrura; quentura; segura; ternura; tristura

⁵ Cf. XIII lat. *ladrõ* / *ladrom*.

II.

A. Vocábulos herdados do latim	B. Derivados
<i>-ção:</i> <i>comemoração;</i> <i>comparação;</i> <i>consolação</i>	<i>apresentação;</i> <i>modernização;</i> <i>perseguição</i>
<i>-idade:</i> <i>actualidade;</i> <i>claridade;</i> <i>generosidade</i>	<i>criminalidade;</i> <i>familiaridade; novidade</i>
<i>-dor:</i> <i>lavrador; pescador;</i> <i>traidor</i>	<i>conhecedor;</i> <i>pagador; vencedor</i>
<i>-mento:</i> <i>encantamento;</i> <i>juramento;</i> <i>sentimento</i>	<i>juízo;</i> <i>esquecimento;</i> <i>consentimento</i>
<i>-ncia:</i> <i>aderência;</i> <i>concorrência;</i> <i>discordância</i>	<i>assistência;</i> <i>importância</i>

Nos exemplos de 1., as palavras complexas formadas pela junção de *-dor* ao TV são transparentes, quer do ponto de vista da forma quer do significado, permitindo, assim, que se estabeleça uma relação entre as formas derivadas e aquelas que lhes deram origem, sendo ainda possível estabelecer paralelos com outras palavras parcialmente idênticas, ou formadas a partir da mesma base ou formadas com o mesmo afixo.

Em 2., temos nominalizações em *-ura* que deixaram de ser produtivas. Ora, parece-me que os falantes actuais continuam a reconhecer que o sufixo remete para a categoria sintáctica nome

e que o semanticismo dos derivados pode ser parafraseado como 'Qualidade do que é X'. Não só subsistem muitos nomes em *-ura*, como subsiste igualmente o conhecimento do processo que lhes deu origem. Esse conhecimento não será muito diferente daquele que nos permite recorrer ao sufixo *-dor* para, a partir de TV, formarmos e reconhecermos nomes (e adjectivos).

As formas em *-dor* tidas frequentemente como icónicas, na medida em que os derivados são estruturalmente motivados e a sua estrutura morfológica reflecte a estruturação semântica, levantam-nos, contudo, uma questão: partindo por exemplo de *movedor* verifica-se que, inserido no contexto, torna-se claro que o derivado designa o agente, a pessoa que move, mas, tomado isoladamente, também poderia considerar-se que se tratava de um adjectivo parafraseável, como no Dicionário Houaiss (versão electrónica) 'que ou o que aciona máquinas, engenhos etc.'

Teremos legitimidade para podermos argumentar que todas as formações resultantes de um processo produtivo são semanticamente coerentes, se forem tidas isoladamente?

Como se pode observar, nas formas apresentadas em II.A.

estabelece-se uma relação transparente com o verbo correspondente, sendo possível estabelecer correspondências fonético semânticas com outras formas do mesmo paradigma e segmentar o sufixo da base, tal como acontece em II.B. Teríamos em II.A as duas condições necessárias que, de acordo com Rio-Torto (1993: 213), devem ser tidas em consideração para que uma palavra seja considerada um produto derivacional do português, isto é, "que a sua estrutura composicional seja conforme com o padrão derivacional que a gera; que base e afixo sejam constituintes do português".

Casos como estes, em que temos formas não geradas em português, mas que apresentam transparência formal e são composicionais, colocam um problema: sincronicamente são analisadas como palavras complexas, se bem que tal não corresponda à realidade. Todavia, para o falante comum, sem conhecimentos de etimologia, como já havia lembrado Said Ali ([1931] 1964³), *devedor* [+latino] e *movedor*, por exemplo, não apresentam qualquer diferença.

Outra questão pertinente ao nível da análise de palavras complexas prende-se com a questão da perda de

composicionalidade e com as suas implicações.

Numa das acepções mais correntes em morfologia, o conceito de lexicalização aplica-se a palavras que só são complexas do ponto de vista formal, não sendo portanto composicionais, como argumenta, por exemplo, Bauer (2001: 53 "lack of semantic compositionality implies lexicalisation).

Os termos lexicalizado e opaco são muitas vezes sinónimo e opõem-se aos termos de composicional e transparente. No entanto, como penso ter demonstrado em Caetano 2007, em que analisei algumas formas em *-aria*, como por exemplo *cantaria*, (de *canto*, 'pedra grande'; significa «pedra trabalhada»), *especiaria* (derivado de espécie, 'tipo, natureza, qualidade'; é utilizado para designar ervas ou plantas aromáticas), *frontaria* (em port. medieval, *frontaria* indica local, ainda que não delimitado com precisão, tendo depois passado a significar 'fachada principal') e *romaria* (de *Roma*, top. + *-aria*: "Roma considerada capital da Igreja Católica, para onde se dirigiam numerosas peregrinações; a designação passou depois a denominar qualquer outra peregrinação a local de veneração religiosa"), derivados deste tipo, ainda que formalmente transparentes, necessitam de uma especificação

acrescida, quer no que diz respeito ao tipo de bases, quer relativamente ao sufixo em questão. Do ponto de vista semântico, sincronicamente, estes derivados são opacos e, por isso, idiossincráticos.

Se entendermos a lexicalização tal como ela é definida por Bauer (2001), ou seja, como o desvio semântico de uma palavra em relação à composicionalidade estrita, uma propriedade que varia na proporção inversa da produtividade dos processos morfológicos envolvidos na formação de palavras, palavras como as que indiquei acima são itens lexicalizados⁶.

Poderemos, então, considerar como encontramos na maior parte dos trabalhos em morfologia derivacional, que a composicionalidade decorre da produtividade? Uma vez que a composicionalidade apela obrigatoriamente ao conceito de transparência, não será antes esta a noção decisiva a ter em conta na relação produtivo - não produtivo? Como tive ocasião de observar em análises efectuadas anteriormente, sufixos que de forma regular formaram em número significativo derivados compósitos (exemplo derivados em *-ura*) acabaram

por perder disponibilidade. Assim, reafirmo que não é a composicionalidade e a transparência que dependem da produtividade, é esta que se subordina às primeiras.

As indicações fornecidas pelos dados fazem-me crer que a perda de disponibilidade não é sinónimo de irregularidade e de opacidade e que os sufixos que já não participam na formação de novos derivados podem ser tão "regulares" como os que se mantêm disponíveis. As probabilidades de um derivado formado com um sufixo que perdeu disponibilidade se opacificar são talvez maiores do que a de um derivado formado com um sufixo disponível, mas este último caso também se observa, i.e., também há formas opacas formadas com um sufixo disponível (cf., por exemplo, *frontaria*). Logo, aparentemente, a lexicalização não estará directamente relacionada com a perda de disponibilidade, mas antes com a falta de transparência formal e semântica.

Assim, pode concluir-se que os falantes terão a capacidade de analisar quer as palavras complexas formadas por processos produtivos, quer as palavras formadas com sufixos improdutivos, quer as palavras

⁶ Cf., por exemplo, *romaria* com *drogaria*, *leitaria*, *perfumaria*, etc..

herdadas, desde que as mesmas sejam transparentes.

Parece-me, também que o conceito de lexicalização nalguns casos tem vindo a ser empregue indevidamente no âmbito da morfologia derivacional. Pese embora a perda de transparência semântica, derivados em que se verifica tal perda mantêm, ainda assim, as suas fronteiras morfológicas. No seguimento disto, parece-me, também, que palavras que não têm o estatuto de derivados do português, na medida em que são palavras complexas herdadas, mas que são sincronicamente morfológica e semanticamente transparentes, apresentando uma estrutura conforme ao padrão derivacional do português, embora não tenham sido geradas nesta língua, não devem ser incluídas nas palavras simples.

Com esta breve apresentação, espero ter contribuído de algum modo para a discussão dos conceitos de composicionalidade, transparência e lexicalização, tão caros aos morfólogos e que também têm sido explorados por outros especialistas.

Referências Bibliográficas

- ALI, Manuel Said. [1931] 1964³. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos
- ARONOFF, Mark. 1976. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge (Massachusetts): MIT Press
- BAAYEN, Harald. 1993. Discussion on frequency, transparency and productivity. In Geert Booij & Jaap van Marle (eds). *Yearbook of Morphology 1992*. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, pp. 181-208
- BAUER, Laurie. 2001. *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press
- BERTINETTO, Pier Marco. 1995. Compositionality and non-compositionality in morphology. In Wolfgang U. Dressler & Cristina Burani (eds). *Cross-Disciplinary Approaches to Morphology*. Wien: Osterreichische Akademie der Wissenschaften, pp. 9-36
- BLOOMFIELD, Leonard. 1933. *Language*. New York / Chicago / San Francisco / Toronto: Holt, Rinehart & Winston
- CAETANO, Maria do Céu. 2003. *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais*. Diss. De Doutoramento apresentada à UNL, FCSH
- CUNHA, António Geraldo da. [1982] 1987². *Dicionário Etimológico Nova*

Fronteira da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira

HOUAISS, Antônio. 2001. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, versão 1.0

KOEFOED, Geert & VAN MARLE, Jaap. 2000. Productivity. In G. Booij; C. Lehmann & J. Mugdan (eds). *An International Handbook on Inflection and Word-Formation*. Berlin: Walter de Gruyter, vol. I, pp. 303-311

MARCHAND, Hans. 1960. *The categories and types of Present-day English word-formation*. Wiesbaden: Harassowitz

RIO-TORTO, Graça. 1993. *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Diss. de Doutorado. Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

WURZEL, Wolfgang U. 1984. *Flexionsmorphologie und Natürlichkeit*. Berlin: Akademie-Verlag

